

FORMAÇÃO DE UMA NOVA SOCIEDADE: POVO DE DEUS, VERSUS SOCIEDADE DOS GRANDES IMPÉRIOS

Formation of a new Society: People of God, versus the Society of the big the Empires

Antonio Francisco Jacaúna Neto^()*

Resumo

A formação do Povo de Deus passa pela vivência de uma fé com implicações de vida social que contrapõem com propostas de outros povos que estavam governando-o. Ao longo da história, de Moisés até Jesus, quiza até nossos dias, é possível perceber a existência de dois projetos: o desses governantes e o dos descendentes de Abraão, que sempre foram constituídos como pequenos. Como estes conseguiram resistir por séculos de diversos tipos de opressão, alimentando este Projeto/Sonho? A sua história e estratégias utilizadas são temáticas deste artigo.

Palavras-Chave: Experiência de Deus. Projeto de Vida e Projeto de Morte.

Abstrat

The formation of the People of God passes through the experience of a faith with implications of social life that contrast with proposals from other peoples who were ruling it. Throughout history, from Moses to Jesus, until nowadays, it is possible to perceive the existence of two projects: those of the rulers and those of the descendants of Abraham, who have always been constituted as small. How have they been able to resist for centuries of various types of oppression, fueling this Project / Dream? Its history and strategies are thematic of this article.

Keywords: God's Experience. Life Project and Death Project.

INTRODUÇÃO

As relações em sociedade podem ser vistas através de seus projetos, que se fossemos polarizar, apareceriam como os projetos dos que possuem grandes condições econômicas e os dos que têm poucas condições. Dentre os vários fatores que compõem esta dicotomia, podemos destacar as condições que levaram os que fizeram a experiência religiosa de Abraão, Isaac, Jacó... Jesus – como povos pequenos, versus os povos dominantes de seus respectivos períodos. E, a questão que se levanta é: como eles conseguiram continuar o Sonho/Projeto de uma religiosidade com implicações na vida social cotidiana, diante de tantos projetos contrários?

^(*) Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta – FAJE de Belo Horizonte: 2003. Bacharel e Desde 2011 é Professor de Teologia, sendo membro do corpo docente da PUC-Minas, Unidade de Uberlândia. Membro da SOTER e do Grupo de pesquisa GEPEPES. E-mail: jacauna@hotmail.com

Penso que há várias formas de abordar esse tema. Pode-se fazer isso a partir das questões políticas, sociológicas, históricas, por exemplo, mas nós vamos fazê-lo a partir do livro do Êxodo e paralelos com outras partes bíblicas. E, antes de entrar diretamente na questão, permitam-me dizer uma palavra introdutória. É que hoje em dia, quando um fato está ocorrendo, no mesmo momento ele pode ser registrado e divulgado. Todavia, no tempo do povo da Bíblia, não era assim. Os acontecimentos marcantes eram transmitidos de modo oral e somente muitos anos depois, tomavam forma gráfica. Assim, a experiência que eles tiveram de um Deus próximo que os ajudava a vencer as dificuldades, impostas pelos grandes e poderosos governantes, foi primeiro contada de geração em geração e, um dia bem depois, escreveram uma parte desses fatos da vida. Ou seja: a vida é o primeiro livro em que podemos ver a ação de Deus e a Bíblia, o livro em que essa ação de Deus toma a forma de escritura. O que encontramos hoje escrito, só foi conservado durante séculos porque era parte importante da vida de um povo. Outra coisa, olhando ao nosso redor, parece que sempre temos alguns grupos que querem ter o poder nas mãos. Pessoas que fazem de tudo para decidir como vai ser a vida de outros. No tempo do povo da Bíblia não foi diferente (cf. BROWN, 2007 p. 79-80).

Fazendo a relação destas duas questões expostas com o tema desse artigo, citamos alguns fatos, só para ilustrar: na Palestina, lugar onde Jesus cresceu e começou sua missão, há muito tempo atrás, na época de Abraão, havia um povo chamado HIKSOS que dominava a vida dos moradores da região, por volta do ano 1.800 a.C. e depois, teve o povo do EGITO, em que temos o período que o povo foi exilado, passando a ser escravo do Faraó. Outro exílio se deu no período que o povo foi levado para a BABILÔNIA, no século VI a.C.,. No ano 538 a.C quem dominava a região do povo de Deus eram os PERSAS, depois, veio a dominação HELÊNICA e no tempo de Jesus, existia a dominação pelos ROMANOS.

Apesar de tudo isso, o povo não desanimava, sempre buscava uma saída. Sabia que não podia confiar nas mãos dos governantes e poderosos. Sua confiança era somente em Deus e naqueles que Ele enviava. Alias, o profeta era o enviado d'Ele que reavivava o compromisso-Aliança com este povo, lembrando-o que sua confiança era somente no Senhor, como bem nos lembra Jeremias ao dizer que confiar no governo dos homens daquela época, era sinônimo de infelicidade (Jr 17)¹ e o salmista vai cantar a felicidade

¹ Optamos por não reproduzir o texto bíblico na sua literalidade, mas apenas mencioná-lo e caso o leitor queira conferir, as passagens citadas estão conforme a Bíblia do Peregrino, edição 2006.

do povo que é governado por Deus (Sl 33, 12), como que dizendo não ter visto imperadores capazes de governar para todos os filhos de Deus.

Ou seja, a Bíblia mostra que sempre havia um grupo de dentro ou de fora, que mandava nessas pessoas que fizeram uma experiência de um Deus tão próximo. A questão que nos interessa aqui é refletir sobre como eles reagiam a essas imposições, não desistindo do Sonho de serem um povo? Que estratégias eles alimentavam para continuarem o sonho de um dia serem donos de seu próprio destino? Iremos conversar sobre o contratos entre os projetos que esses impérios impunham e os desse pequeno povo de Deus.

ORIGENS DE DOIS PROJETOS

A construção de um Povo não ocorre senão de modo processual. E, neste processo que é histórico e temporal, os atores dessa construção deparam-se com outros povos já constituídos, ou sociedades já consolidadas. Com as pessoas que caminhavam na construção de se tornarem “Povo de Deus”, não foi diferente. Se tomarmos como ponto de partida a época de Moisés, perceberemos essa relação acima descrita, com muita clareza. E, nesta relação, pode-se perceber modelos diferentes de organização social, como por exemplo: o povo do Egito, com o modelo de sociedade implantado pelo Faraó, e um outro modo que podemos chamar de projeto de Deus para os seus. A relação entre estes, seu confronto, suas diferenças, suas nuances... podem dizer-nos sobre como perseverar na construção de um novo modelo de ser povo, diante das pressões sociais de outros modelos ao redor.

Por questão didática, vamos expor violência do Império versus a resistência das pequenas que vieram a constituir-se como Povo de Deus, em alguns aspectos de um mesmo projeto. Ou seja, ao longo da história do Primeiro e Segundo Testamento, podemos ver os projetos dos Poderosos Imperadores que contrapõem a esperança e resistência dos pequenos. Um povo que não desistiu, possuía uma metodologia que alimentava a esperança de um dia viverem como filhas e filhos de um Deus Salvador.

Nesse sentido, é possível nominar isso como uma resistência daquele pequeno povo, contra o projeto do império. Podemos utilizar o termo: **Projeto de formação de uma sociedade igualitária**. Este seria o grande projeto dos pequenos. Há inúmeras passagens bíblicas que mostram a luta em efetivar este projeto, as abrangências que ele

provocava em outras áreas da vida coletiva. Como não é possível, neste momento, abranger a todos, vamos nos deter nos relatos do início de sua implantação.

Antes de existir o que normalmente chamamos simplesmente de "Povo de Deus", ou seja, antes de existir um povo formada, a genesis dessas pessoas mostra que vieram de pessoas oprimidas. Eram basicamente camponeses oprimidos por situações sociais e econômicas que se dividiam-se de modo genérico em 3 grupos (cf. MESTERS, 1986, p. 12-13).

a) Os agricultores. Aqueles que viviam presos à terra, dependendo dela para sua sobrevivência. Não saíam dela em nenhum período do ano.

b)- Os agricultores que também criavam ovelhas e cabras eram chamados de seminômades. Sonhavam com a liberdade, pois queriam ampliar o espaço de sua independência.

c) Os chamados *HAPIRU*. Era gente que se revoltou e organizou bandos armados que podiam atacar outros agricultores, seminômades, comerciantes, como também colocar-se a serviço de um líder.

Em contrapartida a estes três grupos, havia uma política imposta pelos imperadores da época que se materializava em formas explícitas contrárias a eles. Vejamos algumas destas, que juntas formavam o que estamos chamando de "projeto dos imperadores".

Bem, naquele período havia vários deuses. Por exemplo, o deus supremo era o deus do Faraó e os deuses inferiores eram os da terra de Canaã, em que estes grupos de camponeses viviam. Os interpretes dos deuses do Faraó eram os sacerdotes, que também eram latifundiários. Seu culto era monopolizado por esse grupo e o povo não tinha acesso a muitas coisas, pois àqueles sacerdotes convinha que o sistema não mudasse. Esses três grupos então eram marginalizados não somente nas questões políticas e econômicas, mas também religiosas. Era gente que ainda não formasse uma raça, uma comunidade, pois era gente desligada de suas tradições, raízes. Mas, esses agricultores, Seminômades e *Hapirus* (fugitivos, pessoas sem residência fixa que vivia no deserto, povo sem terra própria etc) também tinham um denominador comum. Cada um desses três grupos relatados tinha um modo diferente de reagir ao que era imposto pelo dominador comum, e o que unia eles não era o sangue, mas o desejo de ter uma terra que fosse sua e a vontade de ter uma vida que expressasse as bênçãos divinas.

É nessa ótica que iremos ver o projeto que os Impérios impuseram e o projeto de resistência e esperança dos pequenos, e as características desse projeto, a saber: criar uma sociedade igualitária contra o modelo hierarquizado do império.

Olhando a história bíblica, vemos que no período do Império do Faraó do Egito, vários eram oprimidos e muitos se revoltavam, mas com o grupo liderado por Moisés, aconteceu algo diferente (Ex 3-13). Eles fizeram uma experiência religiosa que alimenta a resistência e a esperança deles. O ponto de partida está em acreditarem que Deus escutava o seu clamor e por isso faziam um apelo de libertação, afinal “a escuta divino ao clamor humano pode ser vista como um fio condutor para ler toda a sagrada Escritura” (SILVA, 2015, p. 248). Diferente do povo do Faraó, esse pequeno grupo acreditava num Deus único que não via as pessoas conforme sua condição social, assim, não faz diferença entre elas. Ora, se o próprio Deus as vê de forma igualitária, então o poder e a organização interna também têm que ser igualitárias. A questão é: como esse grupo, que foi liderado por Moisés, chegou a essas duas grandes diferenças?

TENSÕES ENTRE DOIS PROJETOS

A Genesis de tudo está quando começaram a fazer memória de suas histórias. Recordaram a promessa feita a Abraão, e já que Deus disse que faria dele uma grande nação e nele seriam abençoados todos os povos (GN 12, 1-4), então, Deus não aprovava o projeto do Império Egípcio. **Foi na dor e no sofrimento que eles recuperaram a esperança do Sonho de Deus para eles e organizaram-se em pequenos grupos para resistir ao Faraó.** A lembrança do passado acorda o presente, ao recordar da promessa feita a Abraão, (GN 12-14) eles se veem como herdeiros dessa promessa. Essa dinâmica foi alimentada em todos os escritos bíblicos, por isso, eles contavam e liam as histórias dos seus antepassados que colocaram suas esperanças não nas mãos dos grandes e poderosos, mas nas mãos do Senhor Deus (JR 17,5-7).

Podemos dizer que a formação do povo de Deus, começou no deserto. Foi nesse momento, que pela primeira vez, essas pessoas organizaram-se, não mais baseadas nos clãs, tribos, famílias, como deram um passo a mais, avançando na concepção de formarem um só povo, que não seria do faraó ou povo de um líder, mas: O povo de Deus. (PIKLEY, 1987, p.133-144). O livro de Êxodo mostra que essas pessoas ficaram 40 anos no deserto, período em que puderam constituir seu código de conduta, de celebração, de ética, de relações, instituir seu religioso e seus desdobramentos nas questões organizacionais (EX 15-40). Vê-se que o Deus que cuidada com tanta atenção, que libertava com tanta propriedade, só podia ter tamanho amor, porque era também o Deus criador. Logo, foi a partir da libertação, do cuidado, que eles entenderam a

criação. Creio que isso seja antropológico, pois quando o ser humano nasce, normalmente ele primeiro conhece aqueles que cuidam dele. Talvez eles ainda não tivessem noção de quem os libertara de tanta dor, da fome, do sofrimento, das opressões, o fazia porque também era Ele o gerador, o criador de todos. Em outras palavras, a reflexão sobre o êxodo nasceu primeiro que a do gênesis, em outras palavras: a teologia da libertação/do cuidado, nasceu primeiro que a teologia da criação (GALLAZZI, 2011, p.13-52).

Outro aspecto importante de sua vida se deu no seu encontro com Deus na Sarça Ardente, Ex 2-3 (podemos dizer que nestes dois capítulos bíblicos estão descritos um projeto de sociedade). Após tomar conhecimento que outros sabiam que ele havia matado um soldado egípcio, ele teve medo e fugiu (2,11-12). Quando foi até a Sarça Ardente, também teve medo e demonstrou pouca vontade em voltar ao Egito e assumir a missão que estava sendo confiada. Ficou criando desculpas: a) fingiu humildade (3,11), b) fingiu falta de conhecimento (3,13), c) pretexto de que o povo não teria fé nele (4,1), d) pretexto de não saber falar por ser gago (4,10)... ou seja: ele não queria comprometer-se por inteiro, até que assume com todas as letras que não quer ir: “Desculpa, mas mande quem quiser!” (4,13). Pode ser que todo esse diálogo tenha demorado pouquíssimos minutos, mas ele representa o longo e difícil processo em que a pessoa humana tem em sair do seu comodismo, lugar/campo de segurança para descobrir a vontade de Deus através da realidade do cotidiano.

Por isso, após Moisés ter feito a experiência de/com Deus que o chama a libertar o povo que estava escravo do Egito, na passagem popularmente conhecida da “sarça ardente” (Ex 3, 1- 4,17), há uma estratégia de realização deste projeto libertador, em que

“[...] o primeiro passo é reunir os anciãos, os líderes naturais do povo, para explicar-lhes o apoio que Iahweh, o Deus de seus pais, dará para libertá-los da escravidão, para mobilizá-los rumo à terra que mana leite e mel. Moisés que teve a visão da libertação precisa aglutinar neste projeto os líderes reconhecidos pelo povo. Nada se conseguirá sem essa organização mínima” .

(PIKLEY, 1987, p.41).

Nesta citação, pode-se perceber a máxima teológica atribuída a Santo Tomás de Aquino, em que afirma a impossibilidade de Deus agir, sem que aja também a intervenção do ser humano, uma vez que o conhecimento humano é base natural para a existência da fé: “Fides praesupponit cognitionem naturalem sicut gratia naturam, et ut perfectio perfectibile” (AQUINO, Thomas¹). Ou seja, para que a Ação divina, o querer

de Deus, possa ser efetivado, pressupõe que a natureza humana, o agir da pessoa, seja propício.

Pode-se concluir que todo o conhecimento que Moisés adquiriu, seja no Palácio egípcio, seja com Jetro, foi 'utilizado' por Deus para que o projeto de libertação viesse a ser efetivado. Um exemplo disso se dá com a mudança de concepção de liderança, quando posteriormente, fora das terras de domínio do Faraó, Moisés é chamado a perceber a diferença entre duas formas de liderar.

No Egito, esta era centrada na pessoa do Faraó, já nesta nova proposta, percebe-se que o poder de liderança não poderia ficar centralizado em uma só pessoa. Moisés acolhe essa proposta vinda de seu sogro Jetro (EX 18,13-27), surge o governo descentralizado; pessoas capazes de pôr à frente do povo, vendo-o como a razão de sua participação nos encaminhamentos próprios dessa condução, seja ela relativa a questões morais, judiciais, administrativas etc.

Outro dado importante. É muito comum escutarmos pessoas afirmarem que umas são mais religiosas que as outras, e, portanto, dizerem a estas que rezem por elas, que estão mais próximas de Deus e por isso, suas orações serão ouvidas... Pois se isto ocorre em pleno século XXI, com todo o avanço antropológico, teológico e eclesial, imaginem como era a mentalidade do povo no século séc. XV a. C !

É a partir desse contexto que podemos ler Ex 2 em diante. Naquela época, as pessoas acreditavam que Deus ouvia os sacerdotes e o Faraó. Estes eram os únicos que conversavam com Deus, porque Ele próprio os havia escolhidos. Mas, de repente, acontece algo revolucionário. O próprio Deus diz que escutou não os dominadores, mas os oprimidos escutou a voz do povo sofrido (MESTERS, 1986, p. 15-17; SILVA, 20015, pág. 248s). E não só escutou, como 'desceu' para mudar a situação. Aqui temos algo extraordinário. Uma mudança de mentalidade e conseqüentemente de postura que provoca outra forma de ver tanto a divindade, quanto a si mesmo. Entendem que os oprimidos foram queridos por Deus e por isso, necessitam de se organizarem internamente, não como os excluídos, mas como os eleitos! Há uma aliança, um pacto, um compromisso.

É no mínimo curioso o fato de que esse povo sofrido clama e é ouvido, mas que também o Faraó clamou a d/Deus e não foi ouvido, pelo contrário, este teria endurecido o coração daquele (Ex 7,3.22). Sobre este aspecto pode-se concluir que Deus escuta os pedidos e clamores sim, mas não de todos. Então, qual diferencial? Como Ele discerne quais serão ouvidos e atendidos, dos que serão negados? Valmor relata que Deus não é

objeto a ser utilizado por um projeto de morte, como queria o Faraó, mas por um projeto em prol da vida, por isso “Deus não responde ao clamor (do Faraó), porque não há efetiva prática da justiça. Com outra metáfora significativa, a profecia afirma que Deus vai esconder a face, ou como se diz normalmente, vai virar a cara ou vai dar as costas para o clamor dos corruptos” (SILVA, 2015. p. 251).

Podemos citar outro fato importante na construção dessa sociedade igualitária, quando aquele pequeno povo sai do território de domínio do faraó. Este tentou impor um projeto de morte (Ex 5,6s) impondo mais trabalho e menos condições para os trabalhadores, exigindo que produzissem a mesma quantidade de tijolos que antes. Mas não foi este projeto de opressão quem prevaleceu, afinal, Deus não escuta as preces do opressor, por isso, pode-se ver que ao escutar o clamor dos oprimidos, é a Vida quem prevalece (PIKLEY, 1987, p.16-22)! Alias o direito à vida foi defendido não só para uma pessoa, mas para todas aquelas que estavam vivendo sob o mesmo jugo do projeto de morte do Faraó, como foi o caso das parteiras que por temerem a Deus, se recusaram a matar os meninos recém-nascidos (EX 1,17)

Retomando a premissa teologal de que a “Graça pressupõe a Natureza”, vamos lembrar algumas questões de um personagem marcante na efetivação do processo de formação de uma sociedade igualitária. Tomamos presente alguns aspectos da pessoa de Moisés. Ele era hebreu e fora educado no palácio do faraó. Seu nome foi dado por causa de um evento do presente: foi salvo das águas, devido a um ato revolucionário tanto de sua mãe e irmã, como também pela filha do faraó (Ex 1-2). Mas também poderia dizer respeito à missão que ele assumiria, afinal, foi por seu intermédio que o povo foi salvo pelas águas. Ele foi um hebreu que não perdeu suas raízes e utilizou do conhecimento adquirido no palácio em prol de seu povo e não de si mesmo.

Podemos citar outro fato importante na construção dessa sociedade igualitária, quando aquele pequeno povo sai do território de domínio do faraó. Ao saírem do Egito, aquelas pessoas lideradas por Moisés e mais tarde pelo guerreiro Josué, tinham claro que não iriam repetir o modelo de vida imposto pelo faraó. Por isso, resistiriam a tudo e todos que fossem empecilhos ao projeto. Um exemplo dessa resistência se vê na passagem conhecida como queda do cerco de Jericó (Josué 6,1-27). Hoje em dia é muito comum vermos em paróquias católicas, a promoção dos “Cercos de Jericó”. Trata-se de dias e noites interruptos de oração, pedindo a queda de algumas dificuldades que a vida impõem, mas será que a espiritualidade descrita no livro de Josué é a mesma dessas paróquias?

Naquela época, as cidades eram propriedade de pequenos reis. Eles mandavam construir muros que protegiam seus moradores, mas também marcava a discriminação com os agricultores e criadores de pequenos rebanhos. Estes eram explorados pelos reis da região, que cobravam altos impostos aos pequenos produtores. O pequeno povo de Josué sabia que para estabelecer-se como grupo teria que lutar contra esse sistema. Eles relembram a promessa de Deus e a libertação das garras do faraó. Ao chegarem a Jericó, decidem assumir uma nova postura, não enquanto indivíduos, mas enquanto coletividade. Viram aquela cidade cercada por muralha mais ou menos do tamanho de um campo de futebol e quiseram – e conseguiram – destruir o muro de separação entre os “de dentro e de fora” entre as classes que viviam no campo e os da cidade. E, como sabiam que isso não seria feito da noite para o dia, perseveraram na caminhada ao redor desse muro, rumo a uma organização igualitária, sem poder central. Eles destruíram o modelo daquele estilo de vida (= cidade de Jericó).

Podemos esquematizar didaticamente, que para vivenciar um projeto de sociedade igualitária, versus o modelo de sociedade imposto pelo Faraó e pelos grandes, em cinco passos. Iluminados pelos registros das experiências feitas pelo Povo de Deus do Primeiro Testamento, esquematizamos o itinerário utilizado por eles que certamente possui algo a dizer a cada um de nós. Vejamos esses 5 grandes passos, de modo bem didático, destacando a palavra chave para cada um destes, que em um momento de assimilação, podem ter os dedos de uma mão, como recurso pedagógico de memorização:

1. **Não esquecer a raiz** (Moisés foi educado no palácio, mas não esqueceu sua origem e utilizou do conhecimento adquirido com os egípcios em prol de seu povo);
2. **Tratar todos de modo igualitário**. Se o Criador trata todas as pessoas de modo igual, quem somos nós para tratar um como mais importante que o outro!
3. **Organização interna**. Toda contraposição ao que é imposto, precisa ser feita de modo sistemático (a exemplo dos 72 anciãos, confederação das 12 tribos etc);
4. **Reavivar o Sonho**. O ser humano necessita constantemente relembrar o projeto maior e isso é feito em reuniões, celebrações, nas artes. Naquela época o povo era de cabeça dura (Ex 33,5 e Ez 3,7);
5. **Perseverar**. A mudança não ocorre de um momento para o outro, por isso, valorizar as pequenas conquistas e continuar firme na caminhada rumo à realização do projeto maior, independente do fato de que se ele demora ou não para ser efetivado.

Vejamos a seguir, de modo bem didático, algumas formas de expressar este projeto de uma sociedade igualitária. Algumas características de resistência dos pequenos, dos pobres em relação ao projeto dos grandes, dos ricos, aqui simbolizado pelo Império. A cada item, tentemos fazer a relação do que essa resistência e projeto de ontem, tem a nos dizer em pleno século XXI.

PROJETO DO FARAÓ – DOS IMPÉRIOS	PROJETO DO POVO DE DEUS - PEQUENAS COMUNIDADES
Concentração do poder do e no Faraó/Rei	Confederação das 12 tribos (Dt 17,14-20 = mantém um rei, mas sem mordomias (trata-o como irmão). A descentralização do poder em todos os âmbitos. O culto era descentralizado (Nm 7,1s); as decisões políticas eram tomadas por todos (Js 24,1s); a liderança era socializada (Ex 18, 1s)
Exploração do trabalho	Autonomia produtiva. É proibido acumular bens, como mostra o episódio do Maná do Deserto. Era comum o rei apropriar-se do excedente produzido. Isso não condiz com a proposta dessas comunidades tribais. A autonomia delas está ligada à terra, que é de Deus (Lv 25,1-38 = sábado e jubilar), por isso, ninguém é dono, só possuem o usufruto, inclusive os sacerdotes que antes eram latifundiários, agora, não possuem nem o usufruto da terra (Nm 18, 20. 35,1-8; Dt 18,1-18)..
Leis que defendem interesses do rei	Leis que defendem o sistema igualitário - 10 mandamentos não eram individualizados mas em prol de uma sociedade, por isso, os três primeiros dizem respeito da relação do ser humano com Deus e os demais, da relação entre as pessoas = vida social.
Exército estável de mercenários	Bem de todos – defendido pela união de todos, ajuda mútua quando necessário. Algo similar aos nossos mutirões. O livro

	dos Juízes descreve bem esse modo coletivo de defender os interesses comuns.
Monopólio do Saber	Socialização do saber. Adotou-se um novo sistema de alfabetização baseado em sinais/letras de modo que o saber não era monopólio de um grupo, mas todos tinham acesso .
Culto centralizado que celebra o mito	Culto descentralizado que celebra a vida e a história. Não há fé em vários deuses, como no Egito, mas em um único Deus (Ex 15,1-21; 1Sm 2,1-10; Jz 5,1-32). O Deus libertador, que ouve o clamor do povo sofredor e vem ao seu encontro para libertar. Por isso, ele é “eu sou”, eu serei, eu sou aquele que sou/que será = JHWH. Um Deus que está mais interessado na vida das pessoas do que em qualquer outra coisa! É essa a Aliança que motiva as celebrações (Ex 24,1-11. 341-35; Js 8, 30-35. 24,1-28)

Através destas duas colunas, é possível perceber com mais clareza, a dualidade de dois projetos antagônicos. A primeira coluna traz seis características de um Projeto em prol de uma pequena parcela, por isso, no decorrer desse trabalho denominamo-la também de “projeto dos grandes Impérios”, que podem ser vistos nos que a história bíblica relata, mas também em situações atuais. Enquanto a segunda coluna ilustra cada uma dessas seis características de modo oposto, conforme proposta de um povo pequeno em quantidade, mas grande em propostas de uma organização social.

E O PROJETO/SONHO CONTINUA...

Embora houvesse toda organização e resistência, os pequenos não conseguiram implantar esse projeto de uma sociedade igualitária. Por isso, a cada desvio desse projeto, aparecia um dominador que impunha suas formas de organização social, política, econômica, religiosa e surgiam outros ‘Moisés’ que reavivavam o Sonho - Projeto. Começamos nossa reflexão enfatizando o projeto do império egípcio, mas também teve o período em que o projeto imposto era do império babilônico, assim

como houve o período do domínio Persa, Helênico, Romano... Por isso, Jesus se encarnou: para dar seguimento ao projeto de Deus, onde as relações humanas sejam pautadas pela igualdade e solidariedade. Ele mostra isso em vários momentos, vamos retomar alguns: um reino diferente, um reinado a serviço do outro (MT 20,28), um poder colocado em prol dos pequenos (LC 22, 24s; Mc 9,35) , cumprir as promessas feitas no tempo da profecia (LC 4, 16ss) etc. É notório que este projeto que ainda não está pronto e por isso, ao retomar o decálogo, Mateus mostra Jesus dizendo que não veio abolir o que já estava sendo construído, mas veio para dar sequencia (Mt 5), e como seguidores de Jesus Cristo, somos convocados a esta continuidade, ou seja, para construir o projeto de Deus necessita-se da resistência de cada um de nós ao(s) modelo(s) que “ o império” de hoje quer impor! No Brasil, talvez nunca fosse tão forte alimentar os 5 passos descritos acima. Pois há líderes populares que quando assumem posições estratégicas na política, ou perdem a raiz, ou não tratam todos de modo igualitário, ou monopolizam o saber, as informações em benefício próprio, e não promovem a descentralização do poder... Enfim, urge reavivar o sonho de Deus para os pequenos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Thomas. Suma Teológica. Artigo 1, questão 2. Disponível in: <https://firmatfides.files.wordpress.com/2012/01/suma-teolc3b3gica-tratado-da-lei1.pdf> (último acesso em 29/09/2017).

BALACIN, Euclides Martins. *História do Povo de Deus*. Paulinas: São Paulo, 1989.

BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph e MURPHY, Roland (editores). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento e artigos sistemáticos*. Santo André: Academia Cristã e São Paulo: Paulus. 2007.

BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph e MURPHY, Roland (editores). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Santo André: Academia Cristã e São Paulo: Paulus. 2011.

GALLAZZI, Sandro. *Israel na História: seu povo, sua fé, seu livro*. CEBI: 2011.

GRUEN, Wolfgang. *O Tempo que se chama hoje*. Paulus: São Paulo. 1985.

PIKLEY, George V. *Êxodo*. Paulinas: São Paulo. 1987.

MESTERS, Carlos. *Jesus: formando e formador aprender e ensinar*. São Leopoldo: CEBI, 2012.

_____. *Um projeto de Deus*. Paulinas: São Paulo. 1986.

SCHOKEL, Luis Alonso. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2016.

SILVA, Valmor da. *O Clamor que Deus não escuta*. In: *Iglesia que caminha con Espiritu y desde los pobres - II Congresso Continental de Teologia*, Belo Horizonte. 2015. p. 247-257. Disponível em: www.amerindiaenlared.org/biblioteca/10529 (último acesso em 29/09/2017).

(Recebido em novembro de 2017; aceito em novembro de 2017)